escola de fé e *crítica*

EBOOK

De onde veio o *inferno?*

A história que ninguém te contou sobre o lugar que te ensinaram a temer.

Pâmella Campos
HISTORIADORA DA RELIGIÃO

ANTES DE COMEÇAR

Quero te fazer uma pergunta, e quero que você responda com honestidade, sem ninguém olhando.

Quantas decisões da sua vida você tomou com medo do inferno?

Pensa com calma. O jeito que você se vestia. As perguntas que você engoliu na aula de escola dominical. A pessoa que você não beijou, o livro que você não leu, a dúvida que você aprendeu a tratar como tentação. Para muita gente que cresceu dentro de uma igreja, o inferno é um cão de guarda. Ele mora ali no fundo, quietinho, e late toda vez que a gente chega perto de pensar por conta própria.

Então deixa eu te contar uma coisa que talvez ninguém tenha te contado. O inferno tem uma história. Ele foi montado aos poucos, peça por peça, século por século, por gente que tinha medo, gente que tinha poder, e gente que aprendeu que uma coisa alimenta a outra. E o mais interessante é que dá para rastrear cada peça. Dá para ver a mão que colocou cada uma no lugar.

É isso que a gente vai fazer aqui, nos próximos quinze minutos.

Um aviso, porque eu preciso ser honesta com você. O que eu faço aqui é história. A história pergunta de onde veio uma ideia, quando, e a serviço de quê. Ela faz isso com tudo, inclusive com aquilo que te ensinaram a tratar como sagrado. Considere este texto um convite para conhecer a sua fé de verdade, inclusive as partes que te ensinaram a não olhar. Trocar um dogma por outro seria fácil demais, e não é o que me interessa.

Vem comigo.

CAPÍTULO 1

01

O inferno que não estava lá

Abre o Antigo Testamento e procura o inferno. Pode procurar. Sem pressa, com calma, do Gênesis até os profetas.

Você não vai achar.

O que havia era o Sheol.

Sei que isso soa absurdo, porque a gente cresceu ouvindo que o inferno é o castigo mais antigo do mundo, a ameaça original. Mas a religião de Israel, no seu primeiro momento, antes do exílio, antes do contato com os impérios que vieram depois, simplesmente não trabalhava com essa ideia. Não havia um lugar de tortura eterna esperando os maus. Não havia sequer um julgamento depois da morte.

O Sheol não é o inferno. É importante você entender isso, porque as traduções fazem uma bagunça danada aqui. O Sheol é o lugar para onde tudo desce quando acaba. O pó que voltou a ser pó. E para lá iam todos, o justo e o injusto, o rei e o mendigo, a pessoa boa e a pessoa horrível. Mesmo destino, sem separação, sem fila, sem porteiro conferindo currículo. Você morria, o sopro voltava para Deus, o corpo descia, e pronto. Não existia essa contabilidade de recompensa lá em cima e castigo lá embaixo.

"Mas Pâmella, e o mal? Quem fazia o mal nessa história toda?"

Aí está a parte que embrulha o estômago de quem cresceu na igreja. Nesse período, quem responde por tudo é o próprio Deus. Abre Isaías 45, versículo 7, e lê com atenção, porque é Javé falando.

"Eu formo a luz e crio as trevas. Faço a paz e crio o mal. Eu, o Senhor, faço todas essas coisas."

ISAÍAS 45, 7

Todas. As boas e as ruins. A paz e a desgraça.

Para aquela gente, Deus era inteiro, soberano, dono do bem e do caos. Ele reinava sozinho, sem ninguém do outro lado puxando a corda. Não precisava de um vilão para explicar o sofrimento, porque o sofrimento também estava dentro da vontade divina. Estranho para a gente? Muito. Mas é o que o texto diz, antes de qualquer um vir arrumar a bagunça depois.

Então de onde veio a mudança? De uma coisa que sempre muda religião. O encontro com o outro.

Faravahar, símbolo do zoroastrismo persa.

Israel foi levado ao exílio, na Babilônia, e ali esbarrou com a cultura persa. E os persas tinham uma religião, o zoroastrismo, que enxergava o universo de um jeito completamente diferente. Para eles existia um deus bom e existia um deus mau, e os dois estavam em guerra. Existia luz de um lado e trevas do outro. Existia uma batalha final que decidiria tudo. E existia, no fim dessa batalha, um julgamento, com os maus sendo lançados num rio de fogo.

Soa familiar?

Não é coincidência, e não é vergonha nenhuma. Toda religião absorve o mundo em que vive. O candomblé se fez na travessia da diáspora africana. O português que a gente fala carrega no corpo as línguas indígenas e africanas que o atravessaram. Cultura é isso, uma coisa entra na outra e sai diferente. A fé de Israel não foi exceção. Aquela dualidade persa foi entrando, devagar, ao longo de séculos, e foi mudando o jeito de imaginar Deus, o mal e a morte.

E se o inferno ainda não estava lá, tem outra coisa que também não estava. *O Satã que você conhece.*

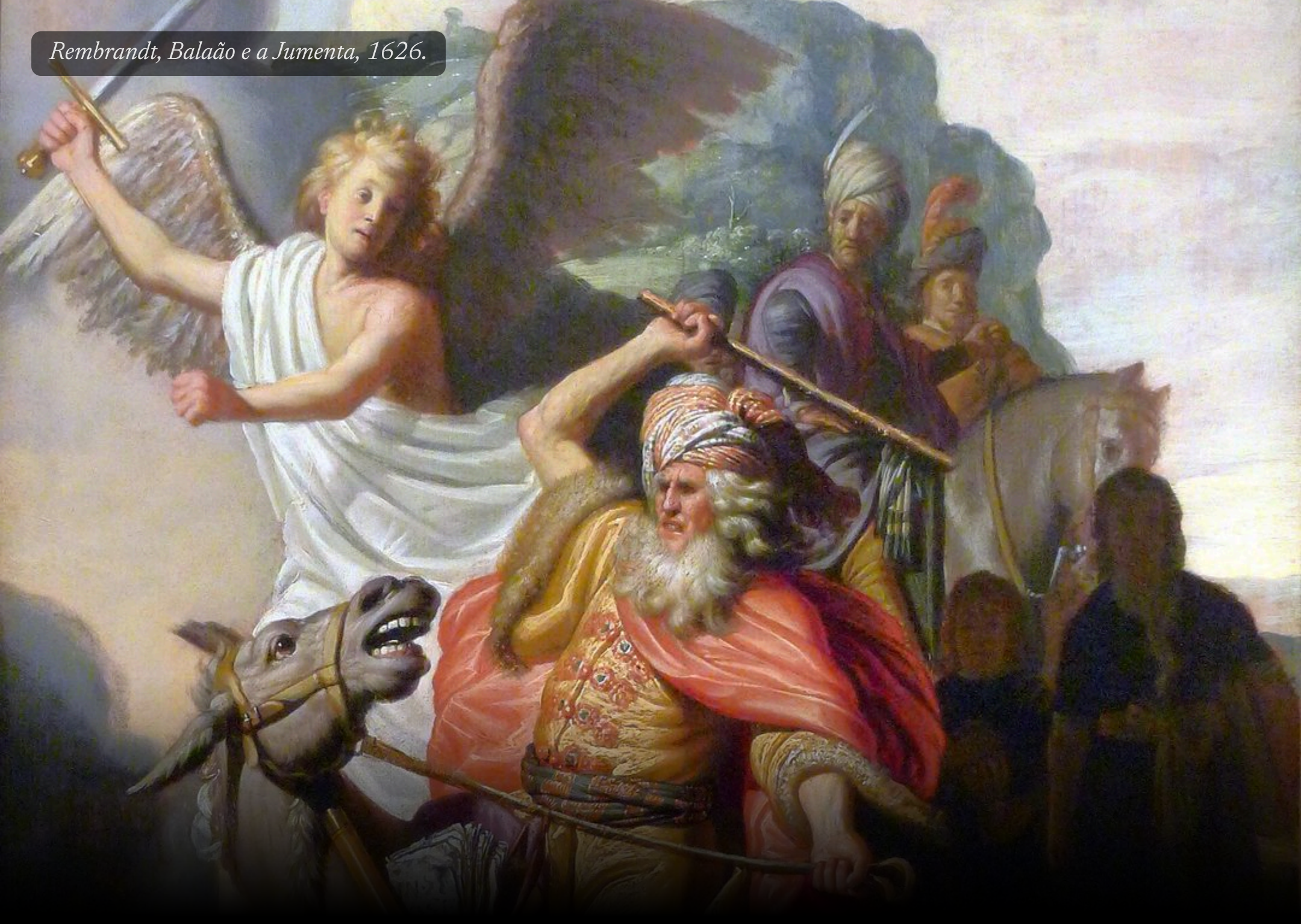
CAPÍTULO 2

02

Quem inventou esse Satã?

Vamos ao começo. A primeira vez que a palavra "satã" aparece na Bíblia não é o que você imagina.

Está em Números, capítulo 22. É a história da jumenta de Balaão, aquela em que o bicho fala e que rende piada em toda escola dominical. Balaão está no caminho, e o anjo do Senhor se posta diante dele "por adversário". Essa palavra, "adversário", no hebraico, é *satã*.



Rembrandt, Balaão e a Jumenta, 1626.

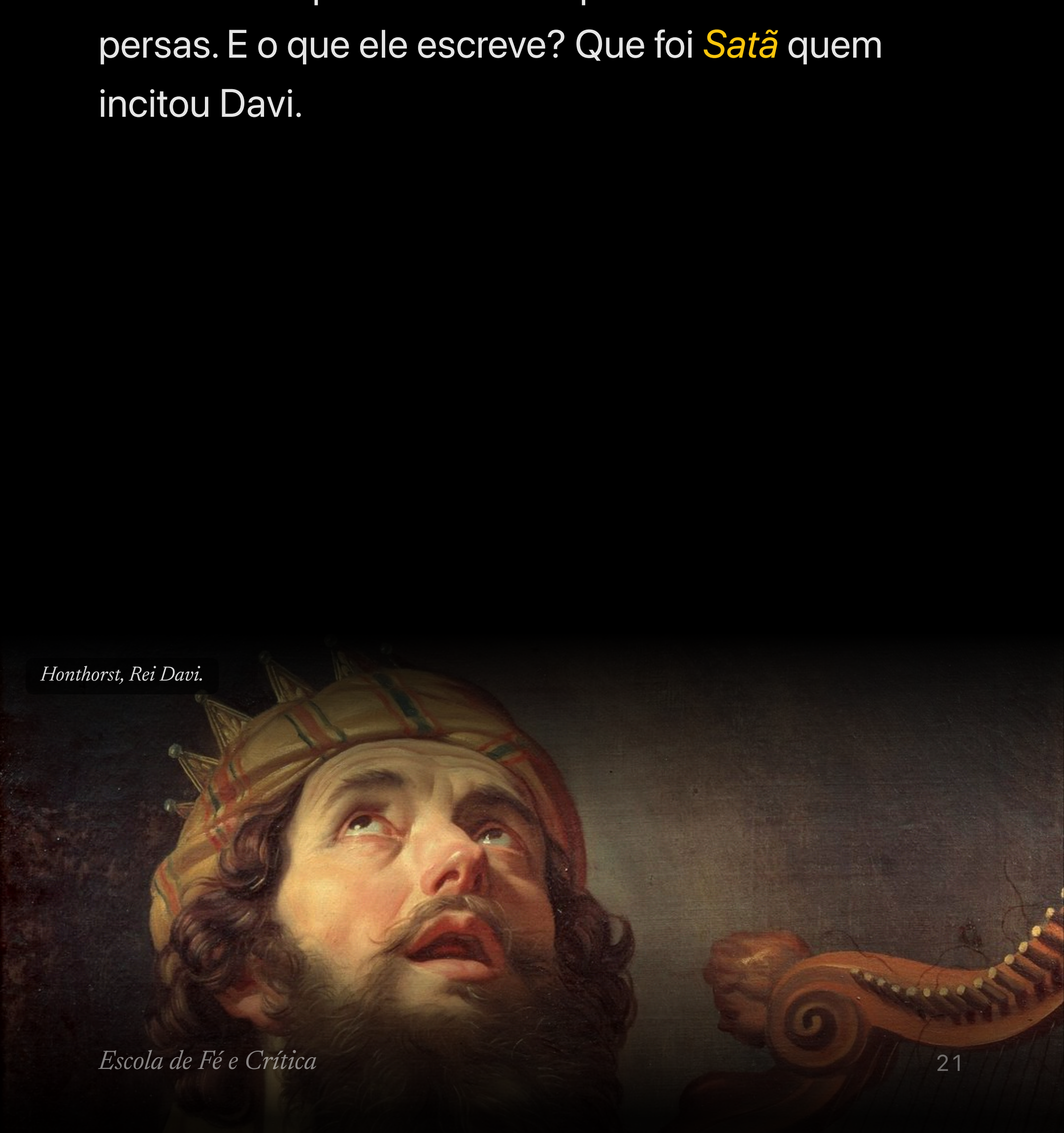
Leu certo. A primeira aparição de "satã" na Bíblia é usada para descrever um anjo *de Deus*. Porque naquele momento "satã" era um papel, o de quem se opõe, faz barreira, atravessa o caminho. Um substantivo comum. Qualquer um podia ser o "satã" de qualquer um, inclusive um mensageiro divino cumprindo ordem.

Aí a palavra começa a subir de posto. No livro de Jó, Satã já aparece com mais corpo, ele é um membro da corte celestial, um dos que se apresentam diante de Deus. Ele provoca, ele acusa, ele aposta que Jó só é fiel porque está confortável. Mas repara numa coisa que muda tudo, ele não faz nada sozinho. Ele pede permissão. E Deus é quem autoriza. Esse Satã está abaixo de Deus, é um instrumento nas mãos dele. Ariano Suassuna, lá no *Auto da Compadecida*, chamaria isso de agente da cólera divina, e estaria mais perto do texto do que muito sermão que você já ouviu.

Ariano Suassuna, 1971.

Quer ver a virada acontecendo diante dos seus olhos? A Bíblia conta a mesma história duas vezes, e o detalhe que muda entre uma versão e outra é a chave de tudo.

Em 2 Samuel 24, o rei Davi faz um censo do povo, e o texto diz que foi a *ira de Javé* que o incitou a isso. Deus, direto, sem intermediário. Agora vai em 1 Crônicas 21. Mesma cena, mesmo censo, mesma consequência. Só que o autor é outro, mais tardio, já influenciado pela dualidade que entrou com os persas. E o que ele escreve? Que foi *Satã* quem incitou Davi.

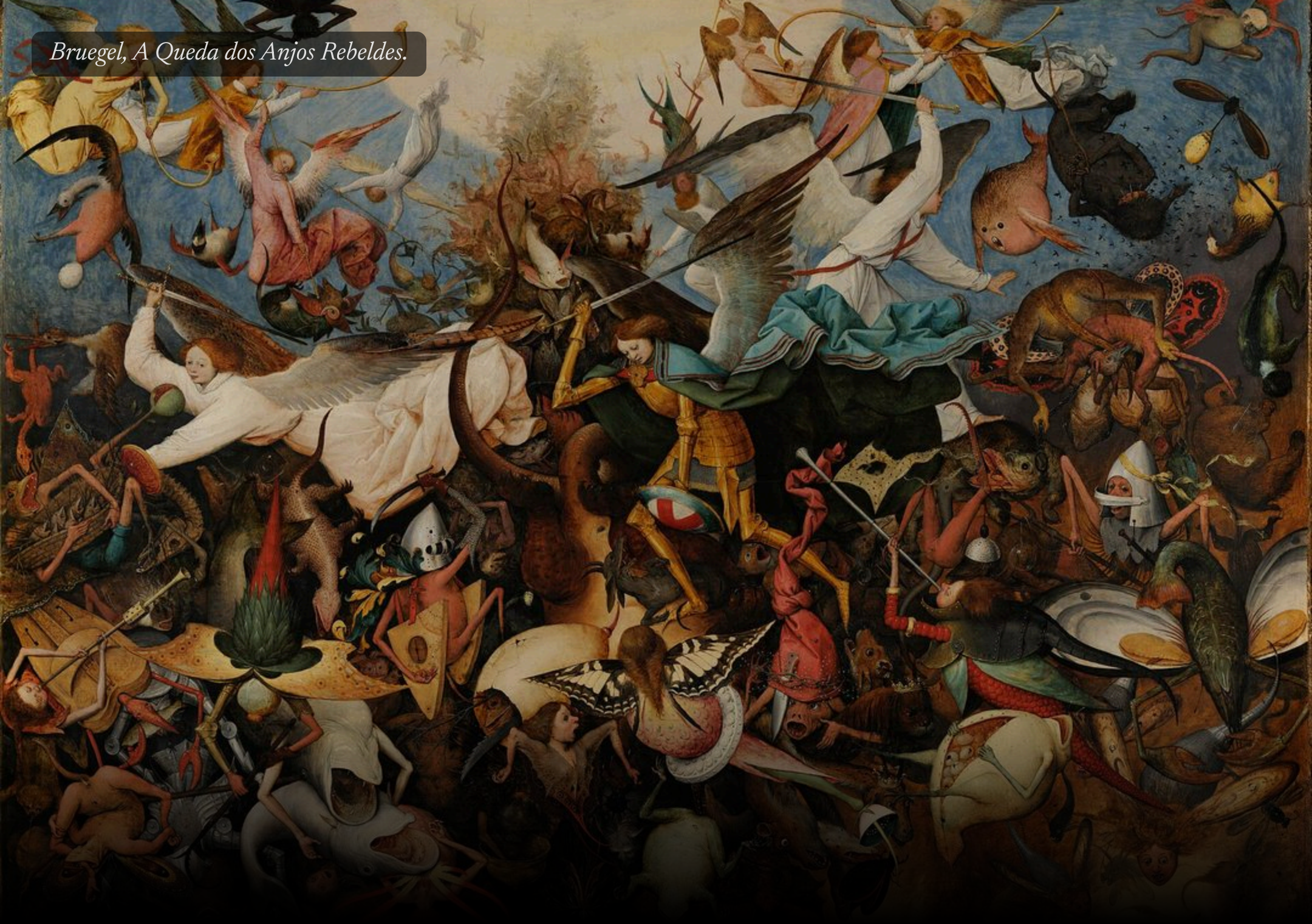


Honthorst, Rei Davi.

A mesma ação. Atribuída a Deus num livro, ao Diabo no outro. Você está literalmente vendo a teologia mudar de mãos entre uma página e outra. O que aconteceu ali tem pouco de revelação e muito de necessidade humana. Uma cultura tentava afastar Deus do mal e, para isso, inventou um culpado.

E o anjo caído, o Lúcifer lindo que se rebelou e caiu do céu? Você vai se surpreender com o quanto isso *não* está na Bíblia.

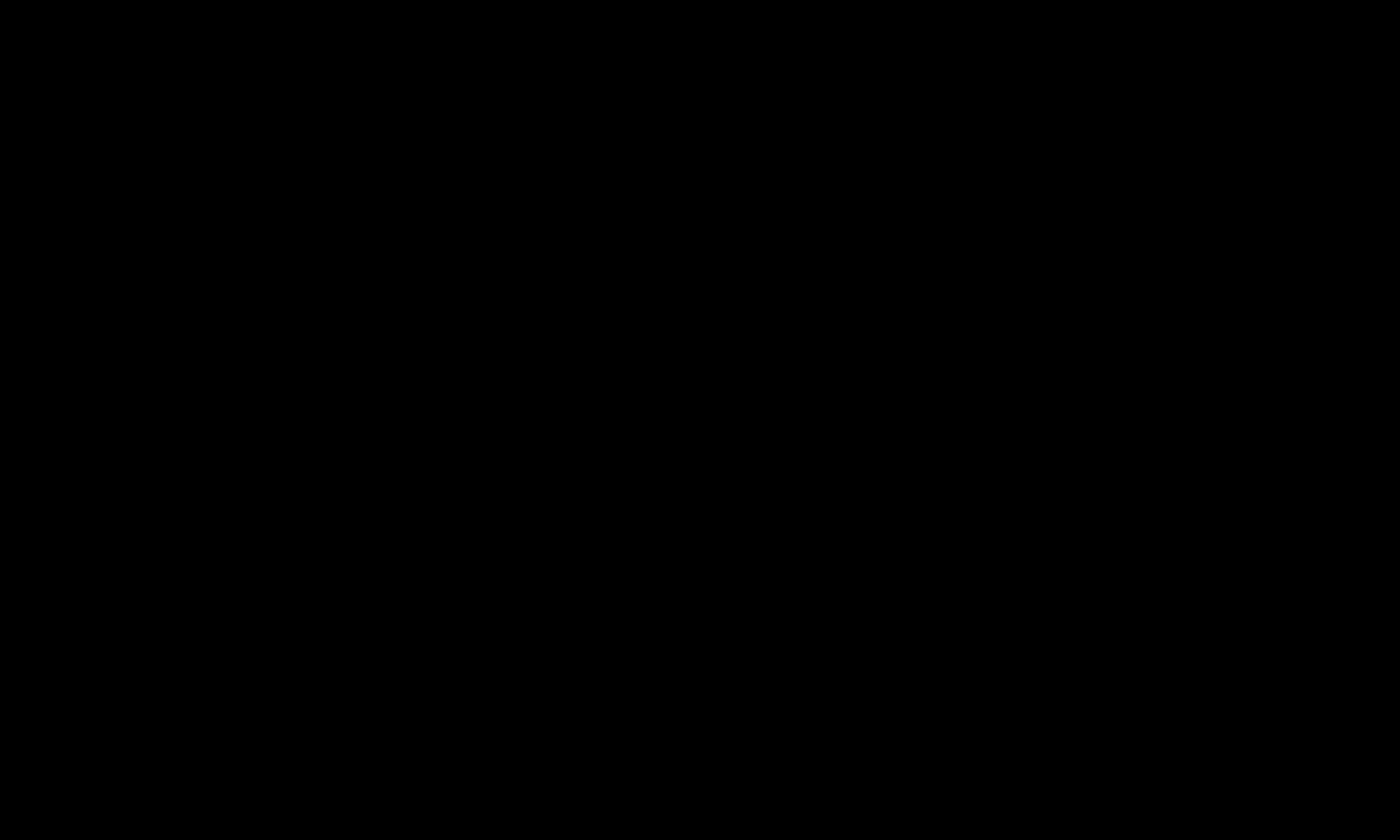
Os dois textos que sempre citam para provar a queda de Lúcifer são Ezequiel 28 e Isaías 14. Vai lá conferir. Ezequiel 28 é uma lamentação contra o rei de Tiro. Isaías 14 é uma sátira contra o rei da Babilônia, e é ali que aparece a "estrela da manhã que caiu do céu". Dois reis. Dois tiranos de carne e osso, humilhados pelos profetas. Nenhum dos dois textos está falando de um anjo. Essa leitura foi colada por cima, séculos depois.



Bruegel, A Queda dos Anjos Rebeldes.

A história do anjo caído veio, na verdade, de fora da Bíblia. De livros como o de Enoque e o dos Jubileus, que nem entraram no cânon que você tem em casa. E, como a pesquisadora Ângela Anatel ajuda a enxergar, quem decidiu isso foi a igreja. A igreja etíope guardou o Enoque até hoje, enquanto Roma preferiu cortá-lo. Esses textos circulavam naquele tempo e contavam outra origem do mal, a de anjos que se encantaram pela beleza das mulheres, desceram, se deitaram com elas e geraram gigantes. Quando esses gigantes morreram, seus espíritos ficaram soltos pela terra, e esses eram os demônios.

Repara no que já está armado aqui. O mal entrando no mundo pela sedução feminina. Essa ideia grudou. Ela respinga até no apóstolo Paulo, que manda a mulher cobrir a cabeça "por causa dos anjos", uma frase que fica sem sentido nenhum até você conhecer o livro de Enoque.



Bartolomeo Montagna, São Paulo.

E o nome "Diabo"? Ele nasce numa tradução. Quando "satã", em hebraico, é vertido para o grego, vira *diabolos*, o acusador, o que divide. Do substantivo comum ao nome próprio. E é aí, já no Novo Testamento, que a criatura ganha maiúscula, ganha rosto, ganha protagonismo. Deus vira bondade pura, e o Diabo vira seu adversário quase da mesma altura. A peça está montada. Falta só construir a casa dele.

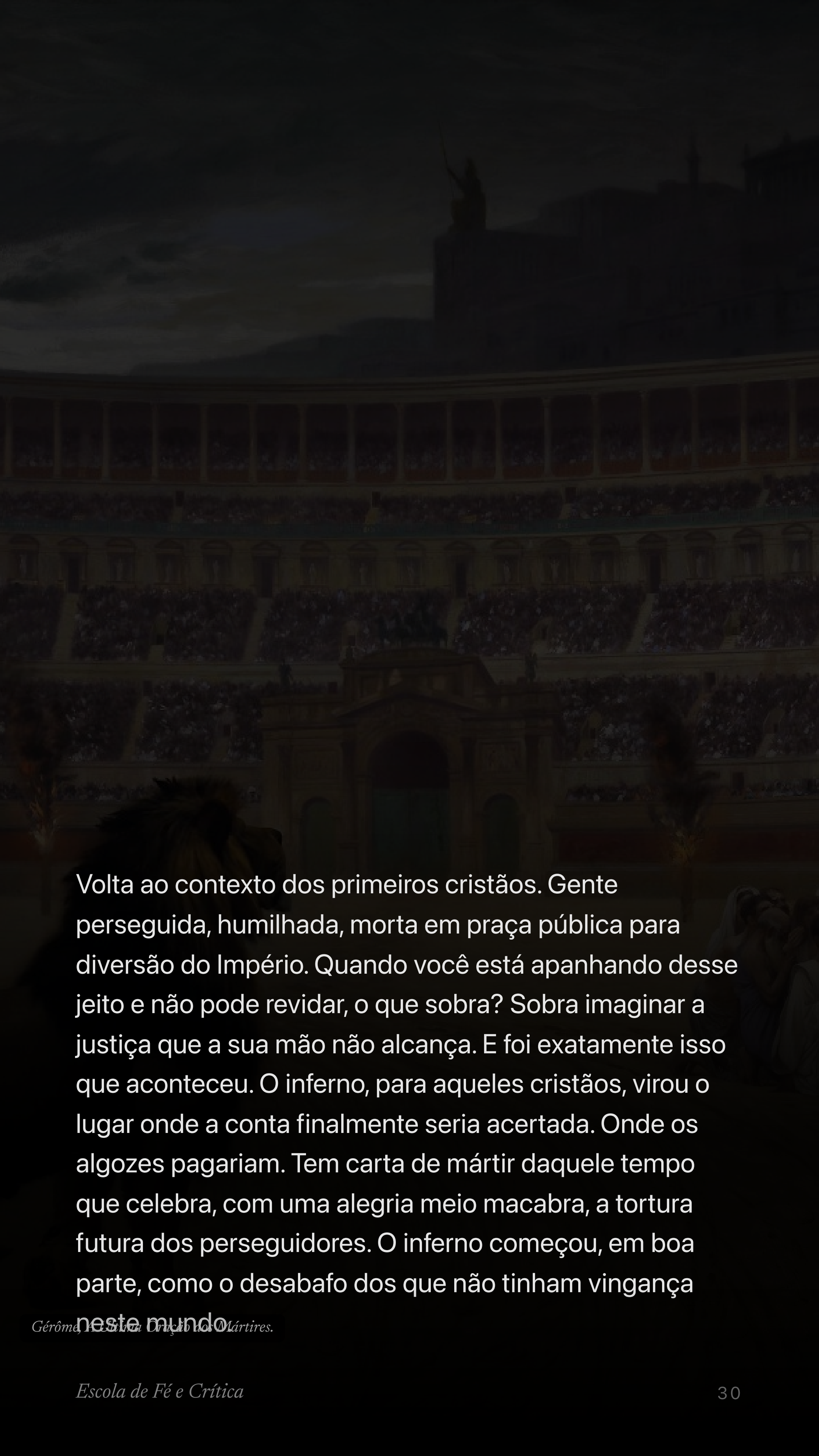
CAPÍTULO 3

03

O medo como ferramenta

Fra Angelico, Juízo Final.

Guarda uma coisa. O juízo final é mais velho que o cristianismo. Aquela imagem de um tribunal cósmico no fim dos tempos, separando salvos de condenados, é herança persa, é aquela batalha do zoroastrismo que a gente já viu. O cristianismo herdou o roteiro. O que ele fez de novo foi decidir para que serviria.



Volta ao contexto dos primeiros cristãos. Gente perseguida, humilhada, morta em praça pública para diversão do Império. Quando você está apanhando desse jeito e não pode revidar, o que sobra? Sobra imaginar a justiça que a sua mão não alcança. E foi exatamente isso que aconteceu. O inferno, para aqueles cristãos, virou o lugar onde a conta finalmente seria acertada. Onde os algozes pagariam. Tem carta de mártir daquele tempo que celebra, com uma alegria meio macabra, a tortura futura dos perseguidores. O inferno começou, em boa parte, como o desabafo dos que não tinham vingança neste mundo.

Gérôme, A Última Oração dos Mártires.

Só que uma ferramenta que console o oprimido também serve, muito bem, para controlar o submisso. E foi para lá que a coisa foi.

Salta os séculos comigo, até a Idade Média. Agora a igreja é o poder. Ela coroa reis, define o que é moral, comanda a educação, decide quem tem alma. E é aqui que se monta o que os estudiosos chamam de *pastoral do medo*. Foi um clima construído tijolo por tijolo, em que a mensagem central deixou de ser "ame a Deus" e passou a ser "tema o inferno". Porque, dizia-se abertamente, o povo só se comporta com medo.

Isso não é interpretação minha. São Jerônimo, o homem que traduziu a Bíblia para o latim, já dizia com todas as letras, lá no século IV, que Deus não é terrível, mas que era melhor deixar o povo pensando que é, porque uma fé sem medo o povo não sabe segurar.

Caravaggio, São Jerônimo Escrevendo.

Séculos depois, Inácio de Loyola escreveria um manual ensinando o fiel a *imaginar* o inferno com todos os sentidos, ver as chamas, ouvir os gritos, sentir o cheiro de enxofre, provar o gosto amargo, tocar o fogo na própria carne. Um exercício espiritual para instalar o terror por dentro, e o terror fazer o resto.

Gustave Doré, Inferno de Dante

Foi para isso que o inferno serviu, no auge do seu poder. Manter gente na linha. E o historiador Georges Minois, que escreveu uma *História do Inferno* inteira sobre isso, mostra o quanto essa engenharia do medo foi cuidadosa, elaborada, lucrativa.

Aqui está o ponto de virada deste texto. O inferno que te ensinaram a temer tem muito menos a ver com a Bíblia do que com quem, em cada época, precisou do seu medo para te governar.

Domenico di Michelino, Dante e os Três Reinos.

CAPÍTULO 4

04

E se a fé não precisar disso?

Tem uma frase de Sartre que virou clichê, "o inferno são os outros". Só que, quando você olha a história de perto, ela para de ser clichê e vira diagnóstico.

JEAN-PAUL SARTRE

Porque o inferno, no fim das contas, foi ficando cada vez mais parecido com aquilo que a gente decidiu não querer olhar de frente. Quando os europeus chegaram nas Américas, olharam para o indígena e para o africano e travaram um debate sério sobre se aquela gente tinha alma. A resposta prática você conhece. O que não cabia dentro da fé cristã foi carimbado como demônio. Os deuses de outros povos viraram diabos. As espiritualidades de matriz africana viraram coisa do inferno. O Exu, mensageiro, virou capeta. O medo que muita gente ainda sente hoje diante de um terreiro nasce exatamente ali, nesse momento em que o diferente virou o depósito de tudo que a gente aprendeu a temer.

E aqui é onde este texto encontra a pergunta que deu origem à escola onde eu ensino. Uma pergunta simples e desconcertante.

E se tudo que me ensinaram sobre Deus não for tudo que Deus é?

Repara no que a gente desmontou nestes quinze minutos. O inferno que não estava no Antigo Testamento. O Satã que começou como uma palavra qualquer. O anjo caído que foi colado em textos que falavam de reis. O medo que foi transformado em método de governo. Devolve cada peça ao seu século, e o que sobra da ideia de inferno com que você foi assustado a vida inteira? Sobra muito menos do que te venderam. Sobra uma construção humana, feita por gente de carne e osso, com interesses bem terrenos.

Rubem Alves, um teólogo que eu admiro demais, disse numa entrevista uma coisa que não me sai da cabeça. "Nós não vemos o que vemos. Nós vemos o que somos. As pessoas que não têm o paraíso dentro delas não conseguem ver o paraíso fora." Talvez o inferno que a gente projeta no mundo diga mais sobre o que carregam dentro da gente do que sobre qualquer lugar de fogo.

E deixa eu te falar uma coisa. Fé sem medo é a mais difícil que existe, primeiro porque ela nos retira desse lugar de ter certeza e controle sobre todas as coisas, e segundo porque ela se mantém apesar de nossas inseguranças. Ninguém te obriga. Você escolhe. E aí ela passa a ser sua de verdade.

Se este texto mexeu com você, te incomodou e aliviou ao mesmo tempo, presta atenção nesse incômodo. Ele tem lugar. Ele é o barulho de uma fé começando a amadurecer e ter pensamento próprio, em vez de continuar repetindo obedientemente o que te ensinaram, sem antes questionar.

ISSO AQUI FOI SÓ O APERITIVO

Eu preciso ser honesta com você mais uma vez. O que você acabou de ler foi a versão condensada de uma história que leva horas para ser contada direito.

Cada peça que a gente só encostou aqui vira uma aula inteira no curso **A História do Inferno**. O Sheol, a influência persa, os apócrifos e o sexo dos anjos, os pais da igreja, a pastoral do medo, a demonização do outro na colonização. São doze aulas, com fontes, com os textos na mão, com o passo a passo de como cada ideia foi montada. Eu abro os livros com você. Mostro os versículos lado a lado. Quero que você veja com os próprios olhos.

E o curso não vem sozinho. A sua assinatura da **Escola de Fé e Crítica** dá acesso a tudo, *A História do Inferno*, *Fundamentalismo*, *O Novo Rumo da Igreja*, *Hermenêutica Feminista* e os outros cursos, com gente que pesquisa isso a sério e conversa com você sem pressa.

→ QUERO CONTINUAR ESSA HISTÓRIA

Você tem sete dias para explorar tudo por dentro. Se não for para você, devolvo o valor integral, sem discussão. A responsabilidade é minha.

Te espero lá.
Pâmella Campos

escola de
fé e *crítica*

pensar é um ato de *fé.*